

# Liberdade e a Esquerda

Costas Douzinas

Uma premissa comum de recentes debates no CIF<sup>1</sup> [ref Porter, Gearty e outros] é que a liberdade e a segurança devem estar equilibradas. Como todos os clichês, a retórica do ‘equilíbrio’ combina truísmo com moderada inexatidão e significa tudo para todos. Em uma reviravolta de amnésia histórica, a liberdade é apresentada como individualista ou como coisa da direita, enquanto a segurança como algo estatal ou socialista.

---

<sup>1</sup> CIF – Comments is Free, Seção do *The Guardian* destinada a debates. [Nota do Tradutor]

Deixe-me começar com um axioma socialista que altera os termos do suposto conflito: a liberdade não pode florescer sem igualdade e igualdade não existe sem liberdade. O filósofo Étienne Balibar cunhou o termo 'igualiberdade' para designar essa amálgama de igualdade e liberdade. A liberdade tanto quanto a igualdade pertencem ao legado da esquerda e podem ser plenamente realizadas somente no socialismo. Medo, ansiedade e segurança obsessiva, por outro lado, são frutos da priorização da liberdade em relação à igualdade.

Igualdade e liberdade, os dons da modernidade, são gêmeos siameses intrinsecamente ligados na presença e ausência. Considere o artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece que todos os seres humanos nascem livres e iguais, repetindo os documentos revolucionários francês e americano. Esta não é uma declaração de fato. Nós não nascemos livres, mas totalmente dependentes. O nascimento não nos torna iguais. Ele nos joga em uma rede de hierarquias, desigualdades e impedimentos.

O artigo 1º, portanto, é uma máxima política, uma chamada à ação: "Nascemos acorrentados, juntemos-nos (politicamente, socialmente, culturalmente) para alcançar igualdade de liberdade". Apenas a ação política comum (fraternidade) pode realizar a

igualdade na liberdade . Inversamente, quando um está ausente o outro automaticamente perde. O comunismo soviético rejeitou a liberdade política e levou a poderosas elites governantes, o oposto da igualdade. A suposta ‘esquerda’ do New Labour rejeitou a igualdade e se acomodou com os ‘podres de rico’. Como resultado, minou a liberdade, como a página *Liberty Central* do Guardian registra diariamente.

Embora lógica e filosoficamente inseparáveis, igualdade e liberdade seguiram trajetórias diferentes e até mesmo opostas. Para o liberalismo, a liberdade com sua forma negativa e positiva é fundamental. A liberdade negativa é capturada na afirmação de Hobbes de que a liberdade é a ausência de ‘obstáculos externos’ [ref aos artigos de Hobbes de Mary Midgley]. A positiva ‘liberdade para’, por outro lado, foi definida classicamente por Isaiah Berlin: ‘Eu queria que minha vida e minhas decisões dependessem de mim, não de forças externas de qualquer natureza... para ser o instrumento dos meus próprios atos de vontade e não de outros homens’.

Vamos desmembrar essas afirmações canônicas. Se a liberdade é a eliminação dos obstáculos externos para permitir o autodomínio (*self-mastery*), o eu (*self*) está radicalmente separado do mundo, visto como estranho e ameaçador, e de outros, contra os quais deve se defender. A modernidade ao

desencadear a liberdade individual alimentou antagonismos sem reduzir a dependência da humanidade em relação a determinações externas. Comunidades pré-modernas pacificaram o conflito através de seus valores e deveres compartilhados, que deram a resposta certa para os dilemas morais e problemas legais. Mas quando o direito de acordo com a razão, Deus ou a natureza foi substituído por um conjunto de direitos pertencentes a indivíduos livres para buscar seus interesses, fortes limites externos tiveram de ser impostos ao egoísmo [ref para meus ensaios]. Direito estrito, forte poder de polícia, prisões e o carrasco são o acompanhamento indispensável da liberdade. Hobbes concluiu que enquanto a lei é necessária para a liberdade, ela é um obstáculo externo que ‘obriga e une’.

Esse reconhecimento inicial de que a liberdade individual precisa de fortes restrições do estado foi recentemente esquecido. Mas o elo paradoxal entre liberdade e coerção intensificou-se. Liberdade egoísta e indiferença para com os outros formam a espinha dorsal da ideologia neoliberal. A liberdade foi redefinida como a liberdade de escolher a escola e as refeições de nossos filhos, nossos médicos e traumas, nossas pílulas da felicidade e o DNA de nossa prole da mesma maneira que escolhemos carros e telefones celulares. Somos livres se tudo se torna uma mercadoria vendável e somos iguais se podemos, por

direito (embora não em relação ao poder de compra), comprar qualquer coisa à venda. A prescrição pós-moderna ‘seja você mesmo’, ‘trate de ser o número um’, ‘a ganância é boa’ radicaliza a divisão entre o eu e o outro. Propaga a crença de que todo o desejo deve se transformar em direitos, que nenhum obstáculo deve impedir a realização da vontade. Mas o desejo é movido pela falta e é insaciável. Um sistema moral e legal com base na legalização do desejo se torna niilista, medroso, violento.

O egoísmo como princípio universal aumenta as desigualdades e causa danos às pessoas e à natureza. Em resposta aos medos reais e imaginários, a lei e a ordem se expandem e são bem-vindas por aqueles que identificam o estado com o policiamento [ref ao artigo sobre o porquê de manter informação do DNA é uma coisa boa]. O estado de bem-estar garantia os padrões mínimos de vida; o estado neoliberal garante a segurança. Ele constrói muros para manter os indesejáveis fora e instala câmeras de vigilância para proteger a integridade e a liberdade da classe média. A segurança não é ‘equilibrada’ com a liberdade. Seu reinado onipresente segue a liberdade sem entraves do neoliberalismo, que deve ser mantida sob controle pela coerção sempre crescente. 11/9 [O autor se refere aos atentados ao WTC em 11 de Setembro de 2001] e 7/7 [ao atentado ao metrô de Londres em

Julho de 2005] podem ter acelerado a securitização da vida, mas a tendência já havia sido suficientemente estabelecida.

## Liberdade afirmativa

Concepções liberais e socialistas da liberdade divergem no entendimento da ação da liberdade. Parafraseando Marx, a liberdade é a percepção da necessidade (o trabalho da teoria social) e a luta política para reduzir e eliminar as desigualdades desnecessárias (o trabalho do socialismo). Os antigos acreditavam que acontecimentos trágicos ou atrozes eram obra do acaso. Para os modernos, o destino tornou-se os acidentes de nascimento, classe, gênero ou raça. Eles determinam a trajetória de vida repartindo doença, fome e opressão para muitos, e uma vida de abundância para alguns.

Os obstáculos hobbesianos da liberdade resultam da desigualdade e exigem a ação coletiva para a sua melhoria. Cada liberdade civil relevante, cada passo na construção do estado de bem-estar foi obtido principalmente através das lutas da esquerda. O aumento da auto-determinação e a melhoria das oportunidades de vida para as pessoas comuns eram aplicações de igualdade. Por outro lado, o uso de um cargo político para o engrandecimento e o enriquecimento, atualmente nas notícias, e 'estado-babá' são o oposto do socialismo. A corrupção ocorre

quando a ideologia dominante transforma vícios privados em virtude pública e cargos políticos em mais um ‘negócio’ almejando lucro. A esmagadora vigilância, o novo *vis anglais*, e o sufocante excesso de regulamentação refletem a evolução do poder no sentido de uma forma ‘biopolítica’. A reação a temidas ‘pandemias’ e o comportamento anti-social são parte da mesma abordagem. A própria vida, nossa prosperidade e ‘felicidade’ são agora os alvos da intervenção e regulação do poder público e privado.

A liberdade liberal oferece uma proteção limitada contra esse tipo de poder e pode ser facilmente mal utilizada. O direito à propriedade protege a ganância corporativa e condena milhões à miséria. A privacidade pode oferecer uma proteção para a violência doméstica atroz. A liberdade de expressão pode acabar no monopólio de Murdoch. Nenhum ‘equilíbrio’ abstrato de liberdade e segurança pode dar uma resposta a priori para reivindicações conflitantes. Algumas vezes a liberdade resiste ao poder, muitas vezes ele é cooptada pela operação ‘benevolente’ do poder.

Para o neoliberalismo, somos livres quando escolhemos o que nos condicionou, quando cada valor, sentimento e relação se transforma em mercadoria. A escolha é a serva da necessidade. Para a esquerda, a liberdade como a maior realização moral significa escolher *contra fatum*, como Kant e Levinas,

Marx e Freud concordaram. A liberdade individual significa agir contra o nosso condicionamento pela natureza, ou a 'segunda natureza' da conformidade social. O socialismo acrescenta que a plena liberdade individual se torna possível quando rompemos as hierarquias e as desigualdades através da ação política coletiva.

A ideia de igualdade é mais simples: todos e cada um é único e deve contar como um só. A singularidade do eu é criada em conjunto com outras pessoas. O outro é uma parte indispensável da minha identidade e eu sou um componente íntimo da integridade dos outros. A liberdade é, portanto, não são apenas negativa ou positiva, mas afirmativa: eu sou livre quando os outros que me fazem ser o que sou tornam-se igualmente livres. Esse é o fundamento da máxima de que não pode haver liberdade sem igualdade e nem tampouco igualdade sem liberdade. Ele continua a ser o princípio de esperança para os nossos tempos.

E contra qualquer equilíbrio geral de 'liberdade' e 'segurança', ele ajuda a avaliar de forma concreta se este ou aquele caso de liberdade ou poder promove ou enfraquece a igualdade.